

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA
10 de Outubro de 2020

INÊS / 1974

um filme de Delphine Seyrig

Realização: Delphine Seyrig / **Produção:** Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir (França, 1976) / **Duração:** 19 minutos / **Cópia:** Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir, em DCP (a partir da digitalização da banda vídeo original), preto e branco, legendada eletronicamente em português / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

LES TROIS PORTUGAISES / 1974

um filme de Delphine Seyrig com a colaboração de Carole Roussopoulos, Ioana Wieder

Realização: Delphine Seyrig com a colaboração de Carole Roussopoulos, Ioana Wieder / **Produção:** Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir (França, 1974) / **Duração:** 29 minutos / **Cópia:** Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir, em ficheiro (a partir da digitalização da banda vídeo original), preto e branco, legendada eletronicamente em português / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

LES PROSTITUÉES DE LYON PARLENT / 1975

um filme de Carole Roussopoulos

Realização: Carole Roussopoulos / **Produção:** Vidéo Out, Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir (França, 1975) / **Duração:** 46 minutos / **Cópia:** Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir, em ficheiro (a partir da digitalização da banda vídeo original em Umatic), preto e branco, legendada eletronicamente em português / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Duração total da projeção: 94 minutos

sessão apresentada por Nicole Fernández Ferrer

Esta sessão corresponde ao início do trabalho de Delphine Seyrig-realizadora, prosseguindo a retrospectiva integral desta vertente pouquíssimo conhecida da sua obra mais militante, iniciada ontem na Cinemateca com um filme que realiza em 1976 com a colaboração de Carole Roussopoulos e Ioana Wieder que reporta mais directamente ao universo do cinema, **Sois Belle et Tais-Toi!**

Nas curtas-metragens de hoje encontramos Seyrig-realizadora a solo, no caso do primeiro filme do programa (**Inês**, de 1974). e acompanhada por Wieder e Roussopoulos, no segundo filme, mas também um filme assinado pela última, **Les**

Prostituées de Lyon Parlent. Juntas e com Nadja Ringart formaram por esta altura o colectivo “Les insoumuses”, que posteriormente estaria na origem do Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir, criado já em 1982, que hoje preserva e distribui estes filmes. O facto de serem obras produzidas maioritariamente em vídeo, usado pela sua portabilidade e mais fácil acesso em prol da luta pela liberdade de expressão e pelos direitos das mulheres, dificultou em parte a posterior circulação dos filmes, dada a fragilidade do meio. Os três títulos desta sessão são importantíssimos testemunhos do activismo feminista de Seyrig e das suas companheiras que, através de um registo documental frequentemente próximo da reportagem, característico de tanto cinema militante, abordam algumas das mais importantes causas associadas à emancipação feminina: o direito ao aborto, as liberdades no seio do trabalho e da vida familiar, a liberdade de expressão, mas também os direitos das presas políticas ou das prostitutas.

Inês foi realizado em 1974 e é o primeiro vídeo de Seyrig, já muito conhecida como actriz. Em 1962 Seyrig já havia lidado com a questão da tortura enquanto actriz em *Muriel*, de Alain Resnais, mas aqui trata directamente esta questão ao focar-se no caso de Inês Etienne Romeu, militante brasileira que se opunha à ditadura, que tinha sido presa em 1971 e havia sido maltratada e torturada das formas mais atrozes. Na altura Seyrig fazia parte do Comité Internacional que exigia a libertação de Inês Romeu e o filme surgia assim como uma extensão da sua actividade política, procurando contribuir para a libertação da brasileira condenada a prisão perpétua, que na realidade esteve presa até 1979. O caso de Inês, que era uma das muitas vítimas da brutalidade da ditadura militar brasileira de então (questão que hoje é tão mais importante face ao “negacionismo” de tantos no contexto da situação política presente) é relatado em *off* pela voz de Seyrig que se dirige directamente ao General Ernesto Geisel, denunciando este e outros crimes. À insistência da câmara num plano fixo sobre uma fotografia de Inês segue-se uma reconstituição das sessões de tortura e da violência que sofreu na prisão ao som de uma música de um Roberto Carlos que terá sido tocada enquanto Inês foi torturada. Não obstante a crueza destas imagens, o que impressiona é como as recriações das sessões de tortura filmadas com uma actriz e com a voz de um carrasco que ouvimos também em *off* acabam por ser menos fortes na tradução da violência extrema sofrida por Inês, do que a violência posteriormente descrita através de palavras e imaginada por cada um de nós. Exemplo da dificuldade de encenar a tortura, corroborando a opção de tantos outros realizadores em centrarem-se na força da palavra ou na evocação de gestos, em detrimento da encenação, de Rithy Panh a Susana de Sousa Dias.

Realizado também em 1974, o ano da Revolução Portuguesa, **Les Trois Portugaises** é mais um exemplo da ambição transnacional do projecto de Delphine Seyrig e das suas companheiras. **Les Trois Portugaises** centra-se no conhecido caso das “Três Marias” (Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa) que em 1972 publicam “Novas Cartas Portuguesas”, livro logo proibido pelo Estado Novo, arriscando penas pesadas. Este filme-documento centra-se nas acções de divulgação do livro no estrangeiro, muito particularmente num espectáculo organizado sobre a forma de leitura em várias línguas que conheceu o nome “La nuit des femmes” e teve lugar em Paris, assim como uma manifestação nocturna diante da catedral de Notre Dame em Janeiro de 1974.

Este é um filme que, revelando um apoio e a perplexidade face ao facto de em Portugal três mulheres serem então perseguidas por terem editado um livro sobre a situação das mulheres em Portugal, traduz, à distância de mais de quarenta anos, a importância internacional de gestos como os de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, que tiveram um contributo decisivo para a conquista da liberdade, e em concreto para a luta pelos direitos e pelas liberdades das mulheres em Portugal. Questões que como vemos através das suas palavras ou das de todas as mulheres a quem o filme dá a voz, permanecem extremamente actuais.

Assinado desta vez por Carole Roussopoulos, **Les Prostituées de Lyon Parlent** é um documento fascinante sobre as lutas levadas a cabo por um conjunto de prostitutas que ocuparam a igreja Saint-Nizier em Lyon em junho de 1975, expondo as suas difíceis condições de vida e de trabalho, apelando ao apoio de todas as mulheres (e homens) pelo fim de prisões arbitrárias, o direito de poder educar os seus filhos e o respeito da polícia. Muito curiosamente o vídeo é aqui usado de duas formas, não apenas para expor as suas reivindicações em diferido num objecto filme, mas também para expô-las quase em directo no exterior dessa mesma igreja. É fascinante o modo como multidões de transeuntes se juntam em redor desses mesmos monitores que transmitem os testemunhos dessas mulheres registados em vídeo pela equipa de filmagem. Não sendo um filme assinado por Seyrig esta empenhou-se muito particularmente em mais esta luta associada a um dos temas mais controversos nos debates feministas. Nesse sentido **Les Prostituées de Lyon Parlent** é um filme extremamente esclarecedor, que deve muito aos excelentes testemunhos de algumas das mulheres e que expõe as grandes possibilidades do vídeo no combate em prol da liberdade e dos direitos fundamentais das mulheres.

Joana Ascensão